

Têrça-feira, 2 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

ACABOU-SE

OUTRO dia passei com um amigo por uma esquina de Copacabana onde vivi muitos anos em um sobrado, e quando lembrei isso êle se espantou. Não apenas minha casa e meu jardinzinho tinham sumido, mas também a vizinhança, a paisagem tôda; a esquina era irreconhecível, nada mais tinha de nossa; morrera de fato, como o pé de milho e o jabuti que ali viveram.

Assim é o Rio, onde as recordações perdem seu território e as casas que pareciam mais eternas — a sua, Álvaro Moreyra, na Xavier da Silveira! — somem tão absurdamente que até fica difícil lembrar onde existiram. Nossas geografias sentimentais mais recentes estão erradas, fizeram outra cidade sôbre as ruínas da que vivemos outrora. Envelhece-mos, Otávio Tirso, Otávio Malta, Cabanas, Rui, João, Miguel, mas por enquanto ainda estamos vivos; morreu o que parecia eterno, a nossa prainha do Flamengo, onde brilharam outrora as Irmãs Pagãs e as Irmãs Abexins. Era um território escasso e quase feio, mas era para nós o mar e o sol, e a amizade e os sonhos. Aterra-o a SURSAN; e desterra dali, ou ali enterra, nossos fantasmas tão magros (éramos todos magros, magros) e nossas encantadas ou penosas recordações.

Sem rir e sem chorar: adeus, praia do Flamengo.